

CLAUDIA BARBOSA REIS



Saúde,

Saúde, Higiene e Toaleta

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA - IV

Higiene
Toaleta

EDIÇÕES  Casa de Rui Barbosa

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA

- 1 ÁLBUM DE OBJETOS DECORATIVOS
- 2 INDUMENTÁRIA
- 3 HOMENAGENS
- 4 SAÚDE, HIGIENE E TOALETE





Saúde, Higiene e Toalete

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA IV

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Correa Weffort

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Mario Brockmann Machado

Diretor Executivo
Luiz Eduardo Conde

Diretora do Centro de Memória e
Documentação
Magaly Cabral

Edição
*Setor de Editoração/Centro de
Pesquisas*

Diretora do Centro de Pesquisas
Rachel Valença

Chefe do Setor de Editoração
Marielza Dalla Costa Fontes

Projeto gráfico
Stela Kaz

Fotografia
Rogério Reis
MCA Estúdio
*Arquivo Histórico da Casa de Rui
Barbosa*
Revistas Careta de 1909

*A fotografia da farmácia homeo-
pática (p. 30) foi feita nas
dependências do Rio Scenarium, à
Rua do Lavradio, 20.*

***Ao lado, Maria Augusta Rui Barbosa Airosa, neta de Rui e
Maria Augusta, filha de Francisca e Raul Airosa, fantasia-
da. Década de 20. Original de Ch. Portier resultante de foto
reprodução com retoques a guache.***

ISBN 85-7004-242-6

Reis, Cláudia Barbosa
Saúde, higiene e toailete / Cláudia Barbosa Reis. – Rio de Janeiro: Edições
Casa de Rui Barbosa, 2002.
44 p.: il. – (Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, 4)

I. Museu Casa de Rui Barbosa – Acervo. I. Fundação Casa de Rui Barbosa.
II. Título. III. Série.

CDU 069.02:92(086.6)

CLAUDIA BARBOSA REIS



Saúde, Higiene e Toalete

Saúde, Higiene e Toalete

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA IV

SUMÁRIO

Introdução	9
Rui Barbosa: sua saúde e conhecimento médico	13
O Rio de Janeiro - endemias e saúde pública	19
Banhos e banheiros	23
Toaletes	27
Conclusão	29
Destaques do acervo	31
Glossário	42
Bibliografia	43





Maria Augusta Rui Barbosa Airoso, c.1918. Neta de Rui e Maria Augusta, filha de Francisca e Raul Airoso.

*Meu agradecimento especial
ao arquiteto
Ivan Nogueira Cavalcanti de
Albuquerque,
pela indicação de bibliografia
e preciosa colaboração.*

Receita do Dr. Francisco de Castro, datada de 24 de agosto de 1892, enviada pela farmácia Central do Brasil, à Rua dos Ourives, RJ. Francisco de Castro foi grande amigo de Rui Barbosa, além de seu médico particular.

CONSULTA

Pharmacia Central do Brasil
Nº 4654 U

Dr. FRANCISCO DE CASTRO
Leite cathedra da Faculdade de Medicina
RUA DO RIO DOS OURIVES, RIO DE JANEIRO

Rui 44 37

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1892.

Usint: Casa Rui Barbosa 355-913

Trichura de ...
" raiz de calumba } aa 4 gr.
" badiana }

M. Tome 10 gotas num calice d'agua sobre cada requizad.

F. Castro

CASA DE RUI BARBOSA
RIO DE JANEIRO

1000

INTRODUÇÃO

AMÉRICO LACOMBE, no prefácio de *À Sombra de Rui Barbosa*, discorre sobre as biografias de Rui Barbosa dizendo terem sido algumas escritas ao calor de uma devoção fervorosa, mas sem pesquisa documental, e outras, posteriores ao marco que foi a obra de Luís Viana Filho, sem obedecer a nenhum plano.

A série *Estudos sobre o Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa*, sem a pretensão de formar uma biografia de Rui, insere-se no perfil delineado pelo primeiro presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa. Inteiramente calcada em pesquisa documental e museológica, obedece a um plano que objetiva, entre outras coisas, contribuir para leituras ainda não realizadas da figura de Rui Barbosa, tomando por base os objetos que compuseram a sua casa, hoje museu.

A pesquisa museológica baseia-se no estudo exaustivo de cada objeto componente do acervo do museu, intencionando extrair dele informações, mensagens, idéias, segredos e ligações.

À observação dos materiais que compõem esses objetos e das técnicas empregadas para confeccioná-los, à pesquisa sobre as autorias, segue-se o que interessa principalmente a este plano: o relacionamento do usuário, Rui Barbosa, com esses objetos.

Por que razão, de que maneira, em que situação e quando foram adquiridos? Como e onde foram utilizados? O que lhes aconteceu durante a vida de Rui e

¹ Lacombe, Américo Jacobina. *À Sombra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984, p. XI e XII.

após a sua morte? Como retornaram à casa transformada em museu? Como se inserem na sociedade da época e se relacionam com os usos e costumes contemporâneos?

Encontradas respostas a estas perguntas, estará o objeto museológico inteiramente conhecido. Desvendado o seu conteúdo, poderá apresentar-se ao visitante como parte integrante de um quadro dinâmico, compondo uma vida, inserido no dia-a-dia de uma família ou de um indivíduo – o patrono desta instituição.

Todo e qualquer objeto que compõe o universo de um museu inclui um conteúdo próprio que o liga a um ou vários aspectos do conhecimento humano. Assim acontece com os objetos ligados à saúde, higiene e toalete existentes na Casa de Rui Barbosa.

Além do seu sentido conjuntural, integrando a residência da família, muitas vezes componentes do próprio prédio, vinculam-se também à evolução da higiene como hábito pessoal e detêm, ainda, um pouco da história da vidraria, da prataria e de outras técnicas.

O estudo e classificação de um acervo museológico inclui também outras questões, como, por exemplo, a hierarquização de conceitos. Como hierarquizar higiene, saúde e toalete? Ao elaborar este trabalho parti de um vínculo entre tais conceitos, pretendendo reunir sob uma mesma ótica mundos inter-relacionados e ligados ao cuidado com o corpo. A Higiene, parte da Medicina, liga os dois outros conceitos: Higiene e Saúde e Higiene e Toalete.

Na verdade, o ato de hierarquizar no momento da classificação serve para indicar o principal caminho a percorrer na realização da leitura e estudo de um objeto, não se inferindo daí que não existam outros caminhos e outras leituras.

Associada ao equilíbrio do organismo humano, a Higiene observa-o no meio físico no qual está mergulhado, e se ocupa também de suas fontes de alimentação e proteção. Regularizando a vida do homem, assegura-lhe o livre exercício de todas as suas funções e faculdades e, dessa forma, associa-se ao conceito de Saúde, que é, por definição, o completo bem-estar físico e mental e não apenas a ausência de doença.

A higiene preocupa-se também com a indumentária, considerando importante pôr-se à vontade sem chocar os olhares e sem a obrigação de, para parecer bem, desconhecer as leis da Natureza. A higiene recomenda a troca diária das roupas, que podem ser um foco de contaminação; sugere que estas não sejam nem muito largas nem apertadas e determina que respeitem gênero, idade, clima e estações. O exagero na finura das cinturas femininas, característico do século XIX, foi considerado uma perversão do gosto.

Muitas vezes o vocábulo alcança acepção mais ampla e é usado como sinônimo de limpeza e asseio e de boa apresentação social, ligando-se assim ao que se convencionou chamar de toailete, termo que designa não apenas a ação de lavar-se, pentear-se, adornar-se, vestir-se, como o aposento sanitário – banheiro.

Ao iniciar a classificação do acervo deste museu, na década de 60, Regina Monteiro Real deliberou por estabelecer categorias. Na época, os objetos que hoje suscitam este estudo foram, em sua maioria, classificados na categoria Objetos de Uso, provavelmente por estarem destinados ao uso corporal individual.

Assim, foram arrolados como objetos de uso pessoal os que se subdividem em objetos ligados à preservação da saúde, à higiene corporal e à toailete. Não apenas os que propiciam a higiene corporal mas também os que lhe são acessórios: saboneteiras, púcaros, potes, escovas, etc. Incluem-se ainda os aparelhos e equipamentos de uso médico.

Uma saboneteira está ligada a um ritual diário de higiene corporal e um púcaro para pó-de-arroz ao embelezamento do rosto feminino, à apresentação estética e ao convívio em sociedade. Ambos os objetos, no entanto, compõem um mesmo conjunto de toailete.

Acresça-se a isso o fato de alguns dos conjuntos de toailete terem sido incluídos por D. Regina Real na categoria Prataria, tendo em vista o estilo, a qualidade e a técnica da prata que os compõem, e que num primeiro momento impressionaram mais do que o uso que deles se faz. Exemplificam-se assim as diversas leituras possíveis de um objeto e as possíveis dúvidas quando da sua classificação, sem que se perca de vista a prioridade de sua relação com Rui Barbosa e os demais moradores desta casa.

Ao criar-se, em 1928, o Museu Casa de Rui Barbosa, estabeleceram-se os seus objetivos e metas, mantidos quando da sua transformação em Fundação, em 6 de abril de 1966, e que permanecem ainda hoje, entre os quais:

o desenvolvimento da cultura, da pesquisa e do ensino, cumprindo-lhe, especialmente, a divulgação e o culto da obra e vida de Rui Barbosa.²

A isto não pode a instituição fugir, e é temerário que tente. Alargar os horizontes a partir desta idéia, sim, é possível, e extremamente desejável, pois alargar horizontes implica ampliar o ângulo de visão, estabelecer novas perspectivas, enxergar o que ainda não havia sido percebido.

E é essa a razão de a pesquisa em museus não se esgotar numa tese, num estudo, numa exposição e muito menos numa ficha técnica.

² *Fundação Casa de Rui Barbosa, Atos de sua Criação e Organização*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1975, p. 497.

RUI BARBOSA: SUA SAÚDE E CONHECIMENTO MÉDICO

RELATOS BIOGRÁFICOS e correspondência, e ainda prescrições médicas, documentam alguns dos problemas de saúde que acometeram Rui Barbosa ao longo dos 73 anos de vida. Ao que parece, as enxaquecas, tonteiras e sintomas gástricos foram uma constante na juventude. O Dr. A. Paulo Filho ³ atribuiu muitas dessas queixas ao mau hábito de ler à luz de vela e à hipermetropia congênita, que levaram Rui Barbosa ao uso de lentes corretivas entre 1873 e 1876. Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães ⁴ acredita ter sido o Dr. Pedro Alvarenga, colega do pai de Rui, graduado na Europa, o responsável pelo diagnóstico e prescrição do grau. Em 1872, ainda solteiro, e sofrendo de forte tensão emocional, Rui ouviu do Dr. Pedro Alvarenga o diagnóstico de anemia cerebral e subnutrição.

Em 1873, magro e enfraquecido, já ligado a Manuel de Sousa Dantas, acompanhou-o e ao filho Rodolfo à França, onde ficaram por quatro meses, submetendo-se a um tratamento hidroterápico ⁵ na estação de águas de Enghien-les-Bains, próxima de Paris. Nas termas francesas foi atendido pelos doutores Fauvel e Chéron, que assinavam juntos as prescrições, e pelo Dr. E.



Rui Barbosa usava lentes de +4 dioptrias esféricas para visão à distância e +7 dioptrias para perto. Até adotar o uso de lentes corretivas, lia com dificuldade, o rosto encostado ao papel. Seus oculistas foram os Drs. Moura Brasil, Hilário de Gouveia, Pereira da Cunha, Abreu Fialho e Álvaro Alvim.

³ A. Paulo Filho, Rui Hipermetrope, in *Patologia Ocular*. Rio de Janeiro: Clínica de Olhos Dr. Paulo Filho, 1954, p. 200-202.

⁴ Rejane Mendes Moreira de Almeida Magalhães, *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994, p. 43.

⁵ A hidroterapia foi inventada na Antiguidade: nos templos de Esculápio, após sacrifícios e banhos seguidos de massagens e exercícios, o deus materializado efetuava curas e recebia dos fiéis cópias dos órgãos curados feitas de ouro e prata.

Fundas de metal e matéria plástica cor de rosa. Nada se conhece sobre seu uso por Rui Barbosa.



Langlebert. Ali Rui se submeteu não só aos banhos, que tinham duração e horário pré-determinados, mas, igualmente, à aplicação de compressas embebidas em clorofórmio e beladona. Ingeriu xaropes diversos, entre os quais de limão e de laranja, e ainda carne crua picada.

Os tratamentos bizarros permaneceram, indicados pelo grande número de médicos a quem, de maneira eventual ou sistemática, Rui recorreu ao longo da vida. Os diagnósticos e tratamentos estavam coerentes com a prática médica da época. Entre os relatados estão a aplicação de pomada no couro cabeludo e axilas, banhos de estufa e até hipnose, tratamento a que se submeteu em 1911, em Poços de Caldas, levado pelo cunhado Carlos Viana Bandeira. As pílulas de carne crua continuaram a ser ingeridas, pois há notícia de que a sogra, D. Maria Luísa, as preparava.

Durante a lua-de-mel, em 1876, Rui contraiu tifo; em 1891, broncopneumonia, acompanhada de forte neurastenia, segundo atestado médico passado pelo Dr. Francisco de Castro, que na ocasião se tornou seu médico e grande amigo.

Carlos Viana Bandeira registra⁶ que em 1894 uma hérnia inguinal levou Rui Barbosa, no exílio, a consultar especialistas portugueses. A existência, no acervo do Museu, de duas fundas usadas no tratamento de hérnia inguinal atesta que o problema perdurou, não se sabe até quando.

Além do cunhado biógrafo, outros familiares relataram, sob a forma de depoimento gravado, as doenças que acometeram Rui Barbosa em idade mais avançada. A filha mais moça,

⁶ Carlos Viana Bandeira, *Lado a Lado de Rui*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961, p. 275.

Maria Luísa Vitória⁷, lembrava-se das fortes gripes e das noites que, revezando-se com os irmãos, passou ao lado do leito do pai doente, bem como do fogareiro a gás, que ficava no corredor da ala de serviço, sempre aceso, a ferver as seringas usadas no tratamento das gripes.

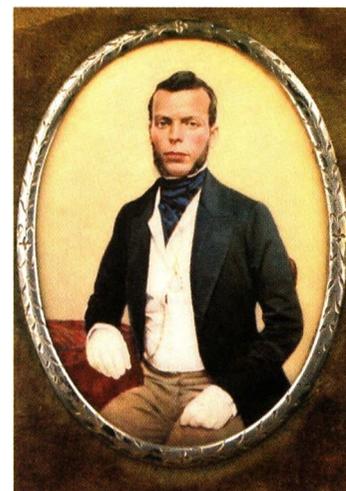
A neta Lucila Batista Pereira contou ao Projeto Memória de Rui, em 23 de agosto de 1984, ter ouvido uma discussão entre Rui e Maria Augusta, pois o avô, muito doente, encasacado e metido em cachecóis, foi para o Senado Federal contra a vontade da esposa, votar pelo estado de sítio.⁸

A curiosidade intelectual levava Rui Barbosa a desde cedo tomar contato com a medicina pelos livros do pai, João Barbosa de Oliveira.⁹ Ao longo da vida, o próprio Rui adquiriu e recebeu de presente livros de Medicina e principalmente de Medicina homeopática, terapêutica que adotou e que conhecia profundamente. Muitos desses livros vinham com dedicatórias dos autores, entre eles os de Aloísio de Castro, filho de Francisco de Castro. Rui possuía obras clássicas sobre Homeopatia, tais como o *Organon da Arte de Curar*, de Samuel Hahnemann, e ainda livros de especialistas, como William Boerick, Bruckner e James T. Kant, bem como guias práticos e catálogos das farmácias.

⁷ Projeto Memória de Rui. Depoimento de Maria Luisa Vitória Rui Barbosa Guerra em 10 de abril de 1975: "quantas doenças graves ele teve! Papai de vez em quando tinha umas gripes fortíssimas. Quantas noites eu passei aqui sentada... Ele tinha gripes muito graves, muito fortes, sempre."

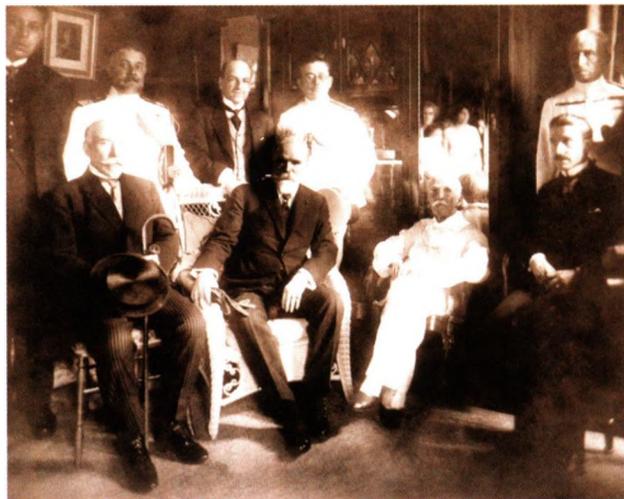
⁸ O fato ocorreu no dia 5 de julho de 1922, quando do levante do Forte Copacabana e da Marcha dos 18. O estado de sítio foi decretado nesta data e depois prorrogado até 31 de dezembro daquele ano. Cinco dias depois, Rui caía gravemente doente.

⁹ Médico era meu pai, ainda que também político e homem de letras; e as minhas leituras de criança e moço, já então afervoradas pela sede insaciável desta curiosidade, a que ainda estou por descobrir sedativo, não distinguiam, na variada e abundante biblioteca de casa, entre os volumes de literatura, os livros de política e os tratados de medicina, em todos os quais, ora uns, ora outros, consoante me afetava o apetite, bebia eu a pasto, sem ordem nem regra, o que o ensino me deparava, e o entendimento, ainda verde, ingeria, de ordinário sem digerir. Daí,



Retrato miniatura em esmalte sobre porcelana. João José Barbosa de Oliveira (1818-1874), jovem, sentado. Médico de idéias liberais, o pai de Rui Barbosa foi também deputado provincial em Salvador, deputado geral na Corte, redator do jornal *O Século* e diretor geral do Ensino Provincial, quando realizou uma reforma radical na educação pública na Bahia. Saudou o Imperador Pedro II em sua visita à Bahia, em 1859, tendo sido escolhido por seus dotes oratórios. Ao falecer, era secretário da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, cargo assumido pelo filho.

Em setembro de 1922, convalescente de um problema pulmonar, Rui recebe, na sua residência e vestindo pijamas, a visita do presidente de Portugal, Dr. António José de Almeida, que lhe entrega a Grã-Cruz da Ordem de São Tiago.



A extensa biblioteca de Rui, que inclui a tese de doutoramento de seu pai em Medicina¹⁰, contém ainda os elementos que o ajudaram a formular opiniões e pareceres sobre saúde pública no Brasil.

Em diversas ocasiões Rui Barbosa demonstrou interesse e aprofundamento na questão sanitária. Em 1882, ao fundamentar suas afirmações no Projeto de Reforma do Ensino Primário¹¹, mais especificamente na parte de Higiene Escolar, que vai do artigo 7^a ao 12^a, demonstrou profundo conhecimento e erudição, discorrendo sobre estudos das condições de higiene escolar na Europa, principalmente no que diz respeito à higiene visual, ponderando

porém, só me terá restado, como era natural, quanto ao conhecimento das ciências do organismo humano, um grosseiro começo de cultura.” Rui Barbosa, *Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 19.

¹⁰ João José Barbosa de Oliveira, "Por que razão a natureza não dá às artérias cerebrais o mesmo grau de elasticidade que às mais". Bahia: 1846.

¹¹ Barbosa, Rui. *Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública*. Obras Completas de Rui Barbosa, volume X, tomos II e IV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

sobre a iluminação das salas de aula, a aeração dos edifícios escolares e fazendo considerações sobre os processos viciosos da escrita. O mesmo conhecimento demonstrou no discurso em homenagem a Osvaldo Cruz, pronunciado no Teatro Municipal em 1917.¹²

Fazem parte da biblioteca de Rui obras do Dr. R. Chapot Prevost, que consta tê-lo operado de hidrocele. O episódio é nebuloso, os relatos poucos, provavelmente pela delicadeza do assunto. Àquela época era quase impossível falar claramente da região corporal ligada à órquis.¹³

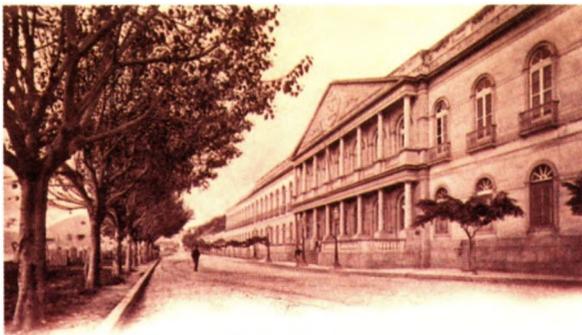
Uma das obras oferecidas pelo Dr. Chapot Prevost trata da uremia, mal que, junto com um edema pulmonar, acometeu Rui Barbosa pouco antes da sua morte.

Em 1923, recolhido à casa de veraneio em Petrópolis, Rui sentiu fortes dores de garganta e o otorrinolaringologista Dr. João Marinho foi chamado às pressas do Rio, mas nada mais havia a fazer. O atestado de óbito de Rui, passado pelo Dr. Correia Lemos em 1º de março de 1923, estabeleceu a paralisia bulbar como *causa mortis*.



¹² Barbosa, Rui. *Osvaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

¹³ Em 1877, livros como *O Companheiro Particular dos Jovens Casais*, de Charles Knowlton, e *A Lei da População*, de Anne Besant, traziam sérios problemas para seus autores e editores, por referirem-se aos órgãos genitais. Gordon, Richard. *A Assustadora História da Medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.



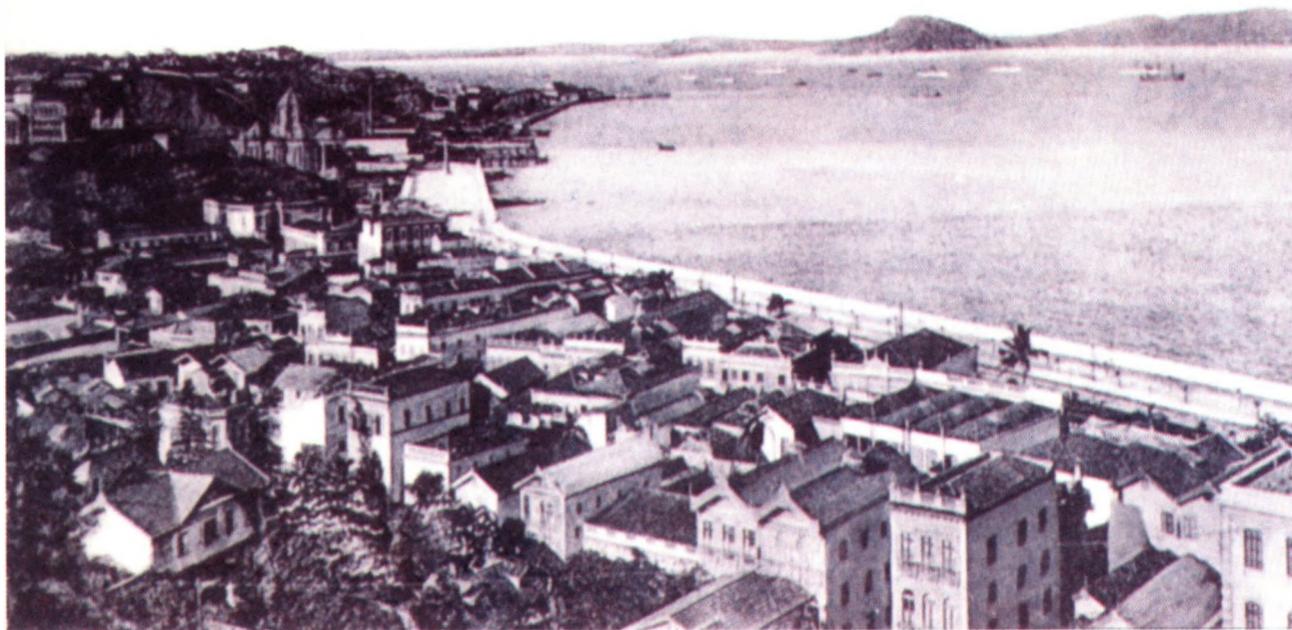
Santa Casa da Misericórdia na
Rua Santa Luzia, fotografia de
autoria de Marc Ferrez.

Hôpital de la Misericórdia

Photographie Marc Ferrez, 1868, Rio de Janeiro

Vista da Avenida Beira-Mar.

32 Avenida Beira-Mar, Lapa — Rio de Janeiro



O RIO DE JANEIRO - ENDEMIAS E SAÚDE PÚBLICA

NA EUROPA, a questão sanitária estabeleceu-se no século XVIII, porém foi no século seguinte que o choque entre as opiniões pró e contra a intervenção do Estado nas questões de saúde e de higiene pública se desenvolveu. Essa discussão marcou e dirigiu a transformação urbana das grandes cidades. No Rio de Janeiro, capital do país, nos últimos 25 anos do século XIX a polêmica tomou vulto, principalmente pelo sétimo lugar que a cidade ocupava na classificação mundial por insalubridade, apesar da existência, desde 1832, de um pioneiro código de posturas elaborado pela Sociedade Nacional de Medicina. No âmago das discussões estavam as causas das endemias e das epidemias.

A figura de Oswaldo Cruz e a decisão de governo tomada por Rodrigues Alves de erradicar esses males e sanear a capital federal encerraram a discussão nos primeiros anos do século XX. O Estado interveio e foi criada uma brigada adequada à finalidade de higienizar e sanear, à força se necessário.

Na Consolidação das Leis e Posturas Municipais do Rio de Janeiro estão contempladas, em capítulos separados, na seção XII, que trata da Higiene Administrativa da União, a febre amarela, a peste, a cólera, a varíola, a tuberculose, a difteria, a febre tifóide, a lepra, o impaludismo – cada qual com profilaxia e legislação específica. Esse era o quadro endêmico do Rio de Janeiro. Doenças associadas à pobreza, à miséria dos cortiços, à ignorância, que apenas com a ação do Estado foram lentamente erradicadas.

No já citado discurso em memória de Oswaldo Cruz, Rui relatou os números que comprovavam o êxito na extinção da febre amarela



Em 1902 o obituário subia a 984 casos. Encetada a sanificação em 1903, já nesse ano descem os óbitos a 584; em 1904 baixam a 589 e reduzem-se em 1906 a 39, em 1908 não passam de quatro e daí avante não haverá mais rastro da terrível doença.

A decisão de efetivamente intervir no processo de higienização e saneamento do Rio de Janeiro insere-se num cenário internacional e de estudos incrementados durante o século XIX.

Em 1899, o Dr. Rocha Faria considerava o sistema de esgotos do Rio de Janeiro um dos mais graves focos de infecção domiciliar e familiar. Três anos antes, a Comissão de Saneamento condenara o serviço de esgotos e o abastecimento de água da cidade.

Na virada do século XIX para o XX, A. Filassier¹⁴ preconizava a intervenção do Estado em matéria de higiene privada. Considerava que a perfeita legislação

sanitária, apoiada em fatos metodicamente estudados e classificados, teria efeito medíocre no caso de a higiene individual ser insuficiente ou nula. Estudos higienistas estabeleceram as condições de salubridade necessárias e favoráveis ao desenvolvimento da vida: regras a serem observadas na edificação das cidades, a importância da água na transmissão de doenças, o valor da aeração, cabendo ao indivíduo parte da ação profilática. No entanto a intervenção estatal abusiva ainda hoje é dificilmente tolerada e o caminho da educação

foi desde cedo considerado o mais indicado para o assentamento das regras essenciais à manutenção da higiene pública. Programas de educação pública implementados pelo Estado, a quem, hoje concordamos, está garantido o

PREPARADOS DE "CAPYVARA"
Elixir—Capsulas—Oleo e Emulsão



FREIRE D'AGUIAR FILHO

UMO EXPERIMENTE DI TUBERCULOSE

VIANNA & FOURCADE

92, RUA DO ROSARIO, 92 1. ANDAR

¹⁴ Filassier, Alfred. *De la Détermination des Pouvoirs Publics en Matière d'Hygiène*. Paris: Librairie Médicale et Scientifique, 1892.

papel de gerenciador das regras de luta contra epidemias e contra a instalação de doenças transmissíveis e, portanto, da saúde pública.

Edwin Chadwick, autor, em 1842, de uma obra sobre as condições sanitárias da população trabalhadora na Inglaterra, foi claro ao associar pobreza e doença. Seis anos depois o parlamento inglês, assustado com a mortalidade conseqüente a um surto de cólera no ano anterior, aprovou uma Lei de Saúde Pública.

Surpreendentemente o Rio de Janeiro foi pioneiro na adoção de um sistema de esgotamento das águas servidas, enquanto países europeus, entre os quais a França e a Alemanha, ainda acreditavam no valor do excremento humano na agricultura de uvas, por exemplo, apesar da obrigatoriedade por decreto de 1809 do uso de fossas em Paris. Em 1886, quase metade das casas de Marselha não possuía dispositivo para a evacuação dos materiais fecais. Na Inglaterra, porém, o sistema de esgotamento desenvolvia-se e chegou ao Brasil, sendo adotado nas posturas municipais.

Em 1837, autorizado por contrato, João Frederico Russel iniciou no Rio de Janeiro o serviço de limpeza e esgoto de águas pluviais na cidade, mantido até 1860. No contrato estava prevista a criação de um sistema completo de esgoto nas habitações, nos moldes daqueles de Leicester, Inglaterra. Era o sistema de esgoto que separava a água servida da das chuvas. Previa ainda a instalação obrigatória dos banheiros nos andares térreos das habitações, e à custa dos proprietários, se estes desejassem as instalações sanitárias nos segundos e terceiros andares, havendo tabela de preços para os serviços. Dois anos depois a concessão passava à The Rio de Janeiro City Improvements Ltda.

Em 1865 a Câmara Municipal já tratava do assentamento de vasos e latrinas para uso público e no ano seguinte aprovava despesa para obras de esgotos particulares. A preocupação para que as águas servidas não desembocassem em galerias gerais foi uma constante na sucessão de estudos e decretos sobre



O VEEDEE
Para Massagem Vibratoria

As pessoas com saúde podem
beneficiar-se muito com este aparelho.

Massagem suave, rápida e vigorosa,
que produz o relaxamento dos
músculos e a circulação da
sangue, sendo muito útil para
a cura de muitas doenças.

Ação do aparelho:
1. Relaxamento dos músculos.
2. Aumento da circulação da
sangue.
3. Aumento da elasticidade da
pele.
4. Aumento da capacidade de
resistência do organismo.

Os doentes podem beneficiar-se
muito com este aparelho, sendo
muito útil para a cura de
muitas doenças.

RHEUMATISMO E GOTA
Este aparelho é muito útil para
a cura de muitas doenças, sendo
muito útil para a cura de
muitas doenças.

Vide exposição vitorica, Erlande Roszel & C.
DEPOSITARIOS NO BRASIL: PRÊMIA CENTRAL, 140, RIO DE JANEIRO
Peça-se Folheto Explicatorio n. 2



o assunto. Em 1875 o contrato com a City levaria os condutos de esgoto a Botafogo. À época obrigava-se à adoção do sistema Jeremy's Patented Inodorous, que jamais foi adotado e, em 1899, foi substituído pelo Unitas.

Émile Trélat, em 1882, já dizia que o cidadão deve ser completamente isolado dos seus excrementos tão logo eles sejam produzidos, num sistema hermético e que lhes abra imediatamente um canal de escape – e devendo ser violentamente empurrados por uma carga d'água para fora da habitação.

Havia na legislação, desde os anos 80, a preocupação com a descarga dos dejetos e a exigência do seu tratamento de modo que fossem inócuos à salubridade, obrigando à apresentação de projetos para obras que permitissem a descarga da rede de esgotos fora da barra.

A preocupação com o tipo de latrinas instaladas nas residências também estava presente nas posturas municipais. Exigiam que os aparelhos tivessem comunicação com a rede de esgotos, regulavam e fiscalizavam os receptáculos existentes desde o contrato de 1875, exigindo a instalação dos mais modernos, com sistema de pedestal funcionando com caixa de lavagem manual ou automática, feita em ferro fundido e com capacidade nunca inferior a dez litros e com todos os componentes acessórios. As posturas também obrigavam que nos esgotos domiciliares fossem adaptados à parte superior dos sifões das latrinas tubos de ventilação comunicantes em direção ascendente.

A Lei 85, de setembro de 1892, passou à municipalidade do Distrito Federal o serviço de Higiene, com exceção dos estudos científicos, entregues ao Instituto de Higiene, assim como a estatística, a vigilância sanitária e o controle sanitário. Em 1902, o serviço de higiene defensiva foi retomado e incorporado à Diretoria Geral de Saúde Pública, uma vez que "a insalubridade na capital federal tornara-se constante ameaça à saúde pública nos estados e duradouro perigo ao bem-estar geral".

Banhos e banheiros

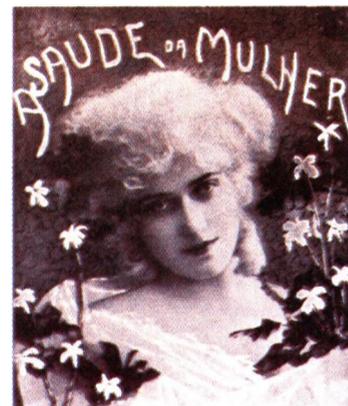
BANHOS E BANHEIROS

A PALAVRA BANHO designa a permanência do corpo em meio líquido, vaporoso ou gasoso. Os banhos atuam sobre a pele de maneiras diversas, dependendo do tipo e da temperatura. Os banhos frios, em água corrente, permitem a manutenção saudável do corpo resfriado; os banhos mornos, que vão de 25° a 30°, acalmam a excitação nervosa e causam bem-estar, tendo efeito sobre os resíduos de secreção da pele. Os banhos quentes chegam a mais de 35° e podem não ser tão saudáveis, uma vez que aceleram os batimentos cardíacos. Existem ainda os banhos a vapor, secos e úmidos.

As instalações especiais para banho começaram a ser construídas na Antiguidade. Os romanos lavavam-se diariamente a preços módicos, nos banhos públicos, que surgiram ao final do período da república. O primeiro de que se tem notícia, em Roma, tinha uma piscina alimentada pela água Apia e ficava fora dos muros da cidade, o que teve grande importância para a higiene pública, uma vez que o Tibre, por receber esgotos, já não servia a esse fim. Os grandes banhos romanos chamavam-se termas. Em 330 o Império Romano tinha mais de oitocentas termas.

Na França medieval, em Aix-la-Chapelle, Carlos Magno restabeleceu os banhos públicos romanos. Ali já se usava sabão, que, embora existisse desde o século VIII, era um produto raro.

Na Idade Média as vilas possuíam banhos públicos a vapor, gratuitos e igualmente freqüentados por mulheres, que se banhavam despidas, enquanto os homens vestiam calções.





O hábito do banho quente também é herança romana – os germanos, por exemplo, tomavam banho frio. No território alemão, no século XV, uma cidade como Ulm possuía 168 salas de banho instaladas em anexo às residências. Os banhos eram a princípio separados por gênero e depois passaram a ser mistos.

As primeiras banheiras, na maior parte das vezes redondas, foram feitas de troncos de árvores. Posteriormente foram fabricadas em pedra ou louça e em metal, especialmente cobre. A princípio ficavam nos quartos, mas com o tempo criaram-se nas residências lugares especiais para o banho.

Os banheiros, no sentido que conhecemos hoje, surgiram na Europa no final do século XIX. O ambiente privado para o banho e a higiene pessoal desenvolveu-se ao longo do século XX como espaço social. Na virada do século, também os banhos públicos com fins terapêuticos faziam sucesso. Desenvolveram-se aparelhos para incrementá-los, tais como chuveiros e duchas, e alguns foram adaptados aos banheiros privados.

No Rio de Janeiro, apenas nos anos 60 do século XIX se iniciaram as obras para o encanamento do rio Maracanã e gradativamente, outros mananciais. Antes disso eram os chafarizes e bicas públicas que forneciam a água conduzida pelos aquedutos a partir das fontes.

Pouco se sabe da instalação dos banheiros nesta casa, hoje transformada em museu. Sabemos que Rui e Maria Augusta encomendaram obras ao construtor Antônio Jannuzzi, antes de ocupar o imóvel, em 1895. No entanto, toda a legislação citada indica a possibilidade da existência prévia de banheiros, ainda mais se verificamos ter sido um comerciante inglês o último proprietário da casa, antes de Rui Barbosa.

Pelo mesmo motivo, podemos imaginar também que o banheiro instalado no térreo, no jardim, seja do tempo dos primeiros moradores da Casa, construída em 1850.



DETALHE DO PORTA PAPEL do banheiro da parte de serviço.

Encaixado no cano da caixa - d'água da privada fica o porta-papéis de louça inglesa, marca Johnsons Brothers/ Hamley Limited, London. Tem estrutura para papéis cortados em formato quadrado. O papel higiênico em rolo começou a ser usado em meados do século XX.

O banheiro que fica anexo ao quarto de dormir de Rui e Maria Augusta tem também ligação com o corredor. Observando-se a planta original, percebe-se que o primeiro cômodo e esse banheiro são o resultado da divisão de um espaço equivalente aos dois aposentos que se seguem, o que indica a instalação do banheiro posterior à conclusão do imóvel. A privada tem a marca Hygienica, com tábua e porta-papéis em madeira laqueada. A banheira e pias não possuem marca. As ferragens são de origem inglesa. A água quente, aquecida pelo fogão a lenha por meio de serpentina, circulava no interior do toa-lheiro térmico, aquecendo as toalhas que ali ficavam penduradas. No banheiro da parte de serviço, a louça estampada em flores de tons cor de rosa compõe-se de ba-nheira, mictório, porta-papéis e pia, importados por Amaral Guimarães e Cia. A privada tem a marca Twyford/Cascatas/Hamley/England. O bidê e a ba-nheira não possuem marca.

Os azulejos Choisy le Roi foram usados também nas paredes da copa, da despensa e do banheiro da parte de serviço. A presença de bicos de gás nas paredes dessas dependências pode ser indicio de ter a transformação sido anterior a 1907, ano da primeira instalação de luz elétrica na Casa.

Toalete

TOALETE

O CONJUNTO DOS OBJETOS de toalete encontrados neste museu-casa oferece uma visão do cotidiano familiar, permitindo que se entreveja um pouco do mundo feminino que nele existiu de 1895 a 1923. Além dos jogos de toalete que pertenceram a D. Maria Augusta, muitos trazendo suas iniciais, os objetos avulsos, tais como espátulas, lixas de unha, cortadores e brunidores em materiais variados (galalite, marfim, metal comum, osso, prata) podem ter pertencido também às filhas e netas.

As escovas de cabelo, de formatos variados, têm cerdas naturais e macias. Imaginemos D. Maria Augusta em seu *boudoir*, diante do espelho tríptico fabricado por Leandro Martins, arranjando-se vaidosa, como contam as biografias. A filha menciona que ela dispunha de *femmes de chambre*, entre elas Maria Ferreira, doadora para o Museu de vários desses objetos.¹⁵

Já Rui Barbosa era um homem metódico, inclusive na sua toalete diária, como registrou a neta Lucila, na entrevista já citada.

Vovô acordava muito cedo, trabalhava até a hora do chá. Depois fazia a barba, vinha o barbeiro, fazia a barba, fazia a toalete. Ainda ficava de pijama e de *peignoir*. Se agasalhava bastante.

Tomava chá com vovó e depois ia percorrer o jardim. Depois é que ele vinha para o trabalho. Acabava a toalete e ia trabalhar.



¹⁵ Maria Ferreira falava francês e veio da casa dos Rocha Miranda, também na Rua São Clemente. Como as demais criadas de quarto, vestia, penteava e cuidava de tudo que se relacionasse pessoalmente a D. Maria Augusta.



O maior sucesso em Perfumaria!

— «Maison Fuguet» de Dralle —
ESSENCIA DE FLORES, SEM ALCOOL

Uma grande flor que perfuma delicada e pessoalmente qualquer objeto. Preço do vidro, em estopo de madeira de leite de um parol, 5\$000 is, em todas as boas casas de perfumarias. Exigir a marca acima!

— CONcessionários para o Brasil: —

— LOUIS ROCHARD & COMP —
RIO DE JANEIRO

O português Bittencourt, famoso em Botafogo por receitar remédios homeopáticos a sua freguesia, era o barbeiro de Rui. Atendia-o em casa, embora tivesse loja à Rua Voluntários da Pátria. Após a sua morte, foi substituído pelo auxiliar, Azeredo, também português. Depois deste, outro português, Ricardo, com barbearia à Rua São Clemente, passou a atender Rui Barbosa. Este, em entrevista a um jornal, declarou que Rui não conversava enquanto era barbeado ou tinha os cabelos cortados, que tinha o pêlo do rosto muito áspero e não dava gorjetas. Em Petrópolis seu barbeiro era Artur Soares, brasileiro, descendente de franceses, profissional de grande reputação naquela cidade.

CONCLUSÃO

EM 1912 FOI REZADA MISSA em ação de graças, paga por subscrição popular, pelo restabelecimento da saúde de Rui Barbosa, que se recuperava, mais uma vez, do convívio entre o seu frágil organismo e as tremendas lutas políticas em que se envolvia.

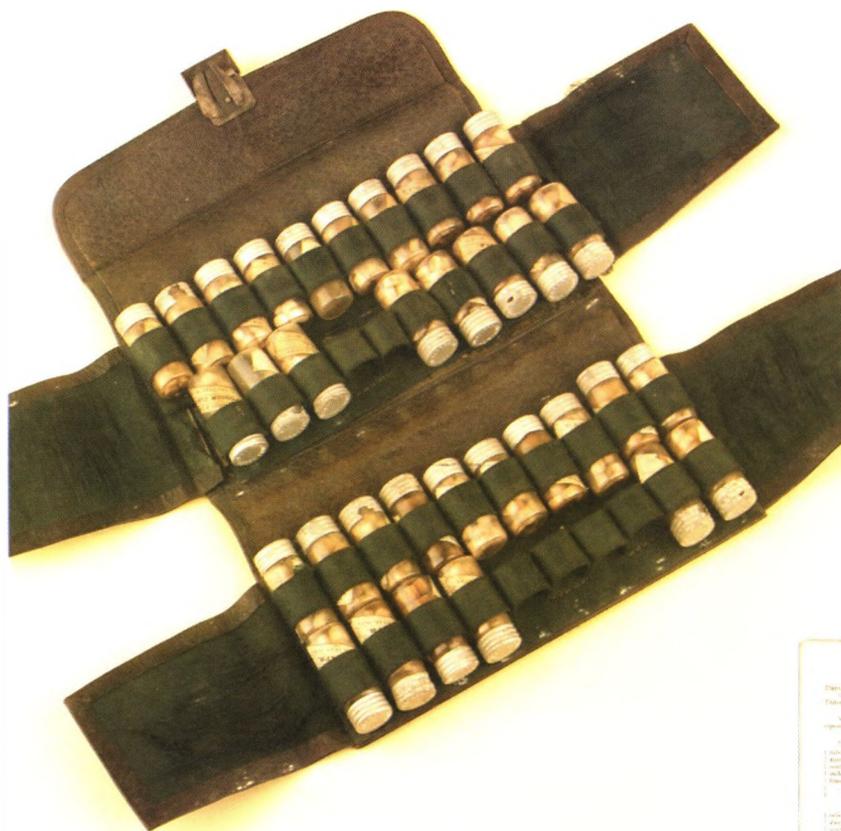
Desde jovem a sua fragilidade física, a dificuldade visual que as lentes da época não corrigiam completamente, as enxaquecas fortíssimas, os problemas digestivos, o acompanharam, mas não foram, de forma alguma, empecilho para o trabalho cotidiano, árduo e metódico. Carlos Viana Bandeira informou que muitos dos seus discursos foram redigidos em meio a tais crises de saúde: a Oração aos Moços, a saudação a Anatole France, a conferência que abriu a sua campanha para presidente da República em 1919. Nessas épocas recolhia-se sempre a uma região de clima mais ameno, como a fazenda Rio das Pedras, em Campinas, Palmira, hoje Santos Dumont, e Petrópolis e Friburgo, cidades vizinhas ao Rio de Janeiro onde manteve casas de veraneio.

Os objetos mais corriqueiros – termômetros, seringas, frascos de medicamentos – tornam-se subsidiários do estudo sobre a relevância do aspecto saúde na vida de Rui Barbosa e sobre o período em que ele viveu. Comprovam materialmente os tratamentos e as doenças que o acompanharam, as técnicas adotadas no engessamento de um membro fraturado, a evolução dos trabalhos de prótese dentária e a perenidade do tratamento homeopático.

A missa popular em ação de graças antecipou o que se veria no enterro de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em 1923: a popularidade do homem que ensejou, por sua extensa obra, a criação do primeiro museu-casa brasileiro, hoje transformado em Fundação.



DESTAQUES DO ACERVO



ESTOJO COM ALÇAS para quarenta frascos de medicamentos homeopáticos aviados pela farmácia Murtinho Nobre, com endereço à Rua Gonçalves Dias, 58, RJ. As farmácias portáteis, que funcionavam como uma espécie de pronto-socorro, eram vendidas em modelos diversos, alguns com maior número de medicamentos, para uso na região rural. Rui Barbosa adquiriu o objeto em 21 de junho de 1916, quando de sua viagem a Buenos Aires. Custou 120\$000.



BORRIFADOR DE PERFUME, esférico e achatado, em metal prateado, de origem francesa, marca M. Perrier BTC SGD. Falta a borracha para bombeá-lo. Sua decoração estriada assemelha-se à do conjunto de toailete marca Christofle.



CONJUNTO DE OBJETOS DE TOUCADOR composto de espelho, duas escovas de roupa, uma escova de cabelo, uma escova para o rosto, um polidor de unhas. Estrutura em metal prateado, de marca não identificada, possui como principal elemento decorativo o monograma MA (Maria Augusta) inserido em reserva oval. Cerdas naturais, formas arredondadas.





SABONETEIRA retangular e abaulada, em metal prateado, corpo inteiramente trabalhado em flores e volutas. Tampa presa à peça por dobradiças. Origem desconhecida.



POTE PARA COSMÉTICO em cristal lapidado, de formato arredondado, com tampa em prata, tendo ao centro o monograma MA (Maria Augusta). Marca ilegível, origem desconhecida.

CRÈME ORMONDE

ALVISONI E DE PIEMONTE BELGICA

CRÈME ORMONDE é um creme para a pele que contém a mais preciosa substância conhecida, a Balsa de Sassafras, que dá a sua suavidade e a sua elasticidade à pele, e a sua ação é semelhante à da mais nobre e delicada substância que existe na natureza, o Aquilone, e acrescentando além disso que este creme é muito mais leve e mais agradável ao uso do que qualquer outro creme de beleza e higiene.

CRÈME ORMONDE é comercializado apenas pela SUEDE CRÈME Co. de New York e pode ser encontrado especialmente em todas as melhores casas.

PARIS: HENRI & C. 10, RUE DE LA HARPE
LONDRES: HENRI & C. 10, RUE DE LA HARPE
BRUXELAS: HENRI & C. 10, RUE DE LA HARPE
LISBOA: HENRI & C. 10, RUE DE LA HARPE

ALGEM. REPRESENTAÇÃO DE LA HARPE A 1

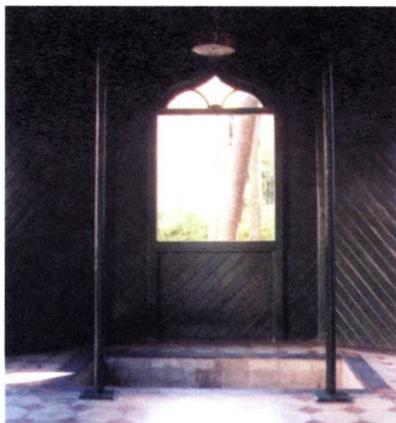
NEW YORK: HENRI & C. 10, RUE DE LA HARPE



PREÇO 48000

VASO SANITÁRIO E BIDÊ PORTÁTEIS.
Usados por Rui Barbosa em seu quarto de vestir. O vaso, em louça branca esmaltada, traz a marca Amaral Guimarães e Cia, fabricantes e importadores de louça sanitária, pisos hidráulicos e azulejos, com endereço à Rua São José, 64 a 70 e à Rua do Riachuelo, 130. A firma recebeu medalha de ouro nas exposições de equipamentos de higiene em 1900, 1908 e 1909.





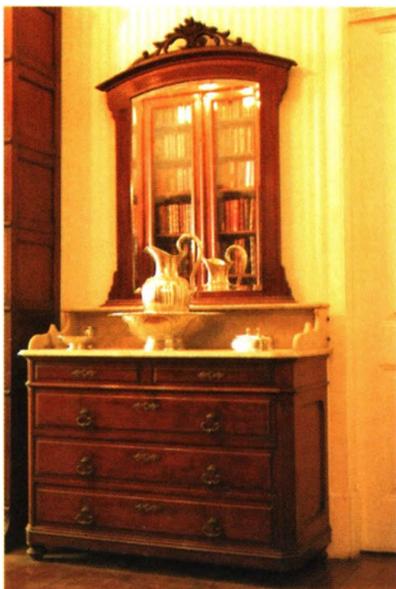
QUIOSQUE DE MADEIRA, de formato octogonal, instalado no jardim da Casa de Rui Barbosa. Em seu interior, banheira retangular no nível do piso e chuveiro. As edificações chamadas quiosques, típicas do final do século XIX, tinham usos diversos: local para o chá, para leitura ou encontros, mirante, coreto de banda. No caso do quiosque desta Casa, instalou-se um chuveiro para banhos no verão. Além das crianças da casa, o filho João fazia dele uso constante. Habitualmente vendidos em *kits* desmontados, os quiosques têm origem na Inglaterra. A data da instalação é desconhecida, e supomos que tenha sido adquirido por John Roscoe Allen, cidadão inglês que antecedeu a família Rui Barbosa na ocupação da Casa, ou pelo próprio Rui, que nela veio residir após um período de dois anos de exílio na Inglaterra.

LOTION ANTICALVITIQUE – Frasco de vidro contendo produto anticalvície: "Lotion Anticalvitique preparada por Ernest, Cabeleireiro e Perfumista Hotel Regina, Rivoli, nº 4, Paris". Consta do rótulo: Nova fórmula à base de pilocarpina, provoca o crescimento do cabelo, remove suavemente as inflamações, vermelhidão e coceiras. Resultado garantido. Aplicar com a ajuda de uma escova macia toda manhã durante 8 dias e depois 3 vezes por semana. O frasco nunca foi aberto. A família era dada à calvície. Não apenas Rui Barbosa tinha cabelos raros, como seus filhos, João e Alfredo, eram calvos. Também o genro, Batista Pereira, tinha pouco cabelo, daí a dificuldade de saber com certeza a quem pertenceu a loção.



JOGO DE PORTA-FRASCOS em madeira, com frascos de vidro em seu interior. Servia para o transporte de artigos de perfumaria em malas do tipo baú. Acompanhando o conjunto, um porta-talco da mesma madeira.



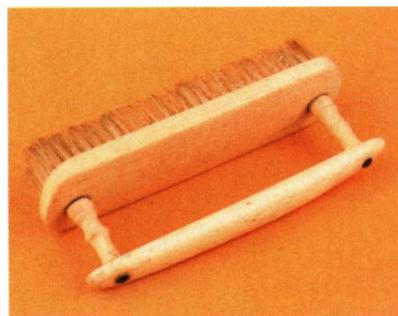


TOUCADOR, parte da mobília de casamento de Maria Augusta e Rui Barbosa, móvel baiano, adquirido em 1876. Trata-se de uma cômoda, com tampo de mármore, adequada à guarda da roupa branca e sustentação do jogo de toalete. No século XIX, quando os banheiros começaram a ser instalados nas residências, era ainda no quarto de dormir ou de vestir que se realizava a toalete diária. Acompanhavam os serviços de toalete, ou eram usados como peças avulsas, os urinóis, muitos dispendo de tampa. Não existe neste museu qualquer exemplar desse tipo de objeto.

JOGO DE TOALETE em metal prateado, composto de bacia e gomil, copo, bacia para barbear, porta-escovas e saboneteira. Marca Meriden B. Company, de origem norte-americana. A expressão *Made and Guaranteed by* denota a fabricação em série. Nos Estados Unidos, após 1840, as fábricas de objetos de metal prateado, com sua maquinaria de estampagem e filigranagem, generalizaram esse tipo de produção. A Meriden Britannia

Company, de Connecticut, fabricava utensílios fundidos, a partir de 1852. Fundada por H.C. Wilcox e seu irmão, também efetuava o acabamento de objetos em metal em eletroplate. De 1860 a 1870 a fábrica se expandiu e adquiriu reputação. Unida às empresas Rogers Bros, seus antigos clientes, passou a trabalhar sob o nome Meriden International Group. A firma permanece em atuação.





ESCOVA DE UNHAS em osso, cerdas naturais. Sem marca.

PRÓTESES DENTÁRIAS parciais removíveis, bilaterais. Duas peças idênticas, em vulcanite, com câmara de sucção na abóbada palatina, abrangendo dois incisivos centrais, e a terceira, de base metálica abrangendo maior número de dentes: incisivo, canino, lateral e pré-molares. São peças em uso entre 1910 e 1920. A vulcanite foi material empregado a partir do final do século XIX e que deu grande impulso à prótese de dentaduras, facilitando a sua construção. As bases anteriores eram construídas de metal, principalmente ouro, estanho e alumínio, ou esculpidas em blocos de marfim de hipopótamo. Foram dentistas de Rui Barbosa, entre 1910 e 1917, William B. Hentz e Charles Keys.

ESCOVA DE DENTES em osso, cerdas naturais. Marca Audrey Deschamps Paris – France, inscrita no cabo, onde se lê também Casa Bazin. A higiene bucal até o século XVIII era feita com um galho de *Salvadora Pérsica* imerso em água por 24 horas, para que suas folhas se assemelhassem a um pincel. A primeira escova, com cabo feito de osso, surgiu ao final do século e tinha as cerdas, feitas de pêlos de suínos, presas por arame. A mais antiga referência a uma escova de dentes, porém, encontra-se na literatura chinesa, no século XVII. As cerdas de *nylon* surgiram na década de 30 do século XX.



TAMPA DE SABONETEIRA retangular em prata, decorada por frisos, folhas e flores em transição do estilo *art nouveau* para o *art déco*. Manufatura alemã da cidade de Braunschweig. Uma lixa de unhas de cabo trapezoidal, com o mesmo motivo decorativo e a mesma marca, fazia parte do conjunto.



NAVALHAS. Cabo de chifre preto, marca Eskilstuna, de origem sueca. Afiaador de navalhas de madeira clara, formato retangular e punho anatômico.



*É conhecido como Hermonny no distrito de boa saúde nos seus instrumentos
ferramentas para grande e pequena cirurgia "stark" de primeira categoria
de Vitry, Hédgers e de outros afiadores fabricados de bronze e
da América se queira vendem a preços muito reduzidos.*

DE ALMEIDA, S. GABRIEL

LOUIS HERMANN & COMP.

Rua Gonçalves Dias, 54 e 67 e Avenida Central, 126

CÁLICE PARA LAVAR OLHO em vidro translúcido com borda oval e reentrante ao centro, de modo a ajustá-la anatomicamente ao olho humano. Marca WTC. Origem desconhecida.



RECIPIENTE PARA REMÉDIO em vidro, com tampa de borracha à qual está presa uma haste arredondada que servia para a aplicação do medicamento. Origem desconhecida.



ESTOJO PARA TOALETE MASCULINA, em couro verde, pequeno espelho retangular, uma escova de tartaruga e um pente de chifre amarelo. Servem para pentear os bigodes. Marca Duprat e Cia., São Paulo. Século XX.



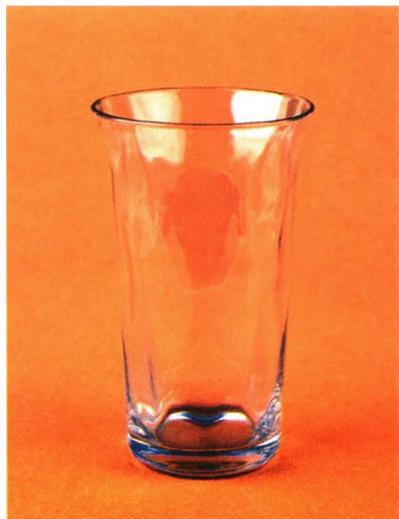
MESA PARA ENCAIXE EM LEITO.

A estrutura de ferro permite que a altura do tampo seja regulada.



COPO DE VIDRO transparente, usado para a ingestão de medicamentos.

ESCOVA PARA ROUPAS com estrutura em madeira, cabo anatômico, cerdas em crina, negras. De origem inglesa, marca Titterton, Londres. Data provável: 1894.



Glossário

GLOSSÁRIO

Boudoir – Gabinete ou quarto exclusivo das senhoras. Usado para vestir, ler, costurar e receber as amigas íntimas.

Brunidor – Instrumento de brunir, lustrar, polir. Em geral de formato oblongo, dispendo de pega e de tecido aflanelado na base, serve para polir as unhas, usando-se um pó cosmético.

Femme de chambre – Criada de quarto.

Peignoir – Espécie de vestido longo ou roupão que as senhora usam em casa.

Pilocarpina – Alcalóide extraído do jaborandi.



Bibliografia

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a Lado de Rui*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

BARBOSA, Rui. *A Questão Social e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1998.

_____. *Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública*. Vol. X, t. II e IV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

_____. *Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.

BITTENCOURT, Correia de. *A Década Republicana*. Rio de Janeiro: Comp. Typ. do Brasil, 1900.

COSTA, Nílton do Rosário. *A Questão Sanitária e a Cidade. Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. (apostila)

FILLASIER, Alfred. *De la Détermination des Pouvoirs Publics en Matière d'Hygiène*. Paris: Librairie Médicale et Scientifique, 1892.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui Barbosa: Cronologia da Vida e Obra*. Rio de Janeiro: 1995.

_____. *História da Homeopatia*. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: 1986.

GONÇALVES, João Felipe. *Rui Barbosa: Pondo as idéias no lugar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GORDON, Richard. *A Assustadora História da Medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

LACOMBE, Américo Jacobina. *À Sombra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

PECHMAN, Sérgio & FRITSCH, Lilian. *A Reforma Urbana e o seu Averso*. Rio de Janeiro Republicano. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1984. (apostila)

PROUST, A. *Traité d'Hygiène*. Paris: G. Masson éditeur, 1891.

REIS, Cláudia Barbosa. *Álbum de Objetos Decorativos*. Estudo do Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

RIBEIRO, Joaquim. *Folclore dos Bandeirantes*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1946.

TARDY. *Poinçons de Garantie Internationaux pour l'Argent*. 9. édition. Paris.

WEYL, Th. *Histoire de l'Hygiène Sociale*. Paris: 1910.

A Casa de Rui Barbosa, uma das mais importantes instituições de pesquisa em nosso País, no campo das letras e das ciências humanas e sociais, teve origem na criação do Museu, em 1930, no antigo solar de propriedade do grande brasileiro, que nele residiu de 1895 a 1923.

Nessa casa, à Rua São Clemente, 134, um dos mais belos exemplares da arquitetura do século XIX, no Rio de Janeiro, a instituição começou sua tarefa, limitada, a princípio, à preservação do inestimável patrimônio e, depois, à publicação das obras completas de seu Patrono.

Transformada em fundação em 1966, e tendo consideravelmente ampliadas suas atividades culturais, com o desenvolvimento dos Centros de Pesquisas, de Memória e Documentação, além da criação da Divisão de Difusão Cultural, houve a necessidade da construção de um novo edifício, ao fundo do parque.

No chamado Prédio Anexo, com quatro pavimentos e subsolo, em linhas da melhor arquitetura de nosso tempo, estão instalados, além dos já mencionados, os serviços de administração, um amplo auditório, uma sala de exposições e uma sala de cursos dotada de todos os recursos modernos.

À vivenda do século XIX, em meio ao jardim, e o anexo, inaugurado em 1978, tão representativo da moderna escola de arquitetos brasileiros, formam um conjunto harmoniosamente funcional, que deve ser visitado por quantos se interessam não apenas pela figura de Rui Barbosa, mas também pelas múltiplas atividades culturais ali desenvolvidas, tais como cursos, palestras, exposições, recitais de música popular e erudita e de poesia.



Ministério da Cultura
Casa de Rui Barbosa
Rua São Clemente, 134
Rio de Janeiro 22260-000
Tel.: (21) 2537-0036
fcrb@rb.gov.br
www.casaruibarbosa.gov.br



ISBN 85-7004-242-6

